

## O PÊNIS - SÍMBOLO DO MACHISMO E SUA RELAÇÃO COM O FEMINISMO

Pedro Jurberg <sup>1</sup>  
Victor Sviatopolk-Mirsky <sup>2</sup>

### A Superioridade Masculina

O último ancestral comum de chimpanzés e seres humanos viveu há cinco milhões de anos. Desde aquela época, os registros fósseis mostram que a nossa evolução passou por cinco transições importantes:

- a) As duas primeiras levaram nossos ancestrais para as savanas africanas e à posterior invenção de ferramentas de pedra (2,5 milhões de anos);
- b) a terceira ocorreu por volta de um milhão de anos atrás, com a transformação das lâminas de pedra em pesados machados;
- c) a quarta, ocorrida há aproximadamente quinhentos mil anos, com o domínio do fogo e a construção de lanças como armas de caça;
- d) e finalmente, há cinquenta mil anos, com a domínio da agricultura, a sofisticação da manufatura de armas e o aparecimento de sinais mais evidentes de cultura registrada nas pinturas feitas em cavernas. (Zimmer, 2003).

Acredita-se que, para a sobrevivência dos primeiros agrupamentos humanos, houve, desde muito cedo, a necessidade de uma divisão do trabalho. Aos machos, devido ao seu porte mais corpulento e forte, coube a busca de alimentos através da caça, além da defesa de suas

<sup>1</sup> Doutor em Ciências (UFRJ), Professor Orientador do Mestrado em Sexologia da Universidade Gama Filho (UGF), Pesquisador Titular da Fundação Instituto Osvaldo Cruz. (FIOCRUZ). E-mail: [jurberg@openlink.com.br](mailto:jurberg@openlink.com.br)

<sup>2</sup> Psicólogo, Especialista em Sexualidade Humana e Mestre em Sexologia pela Universidade Gama Filho. E-mail: [vmirsky@uol.com.br](mailto:vmirsky@uol.com.br)

fêmeas e crias. Às fêmeas, cabiam os cuidados com a prole e a coleta de alimentos existentes na natureza.

Quando os machos voltavam de uma caçada bem sucedida, acabavam por serem recompensados pelas fêmeas com o sexo, que era por elas muitas vezes usado como uma moeda de troca por aqueles recursos alimentares preciosos. Os machos mais fortes e hábeis na arte de caçar acabavam, portanto, sendo escolhidos com maior frequência pelas fêmeas, para o sexo, pois essas habilidades eram, por elas, extremamente valorizadas. Àqueles menos hábeis muitas vezes restava o recurso de se submeterem às fêmeas, à força.

Como os homens mais fortes e hábeis na caça eram valorizados pelas fêmeas e isso acabava implicando maior número de parceiras e de frequência nas relações sexuais, a força acabou sendo associada, nos machos, a um sentimento de superioridade e a ereção do pênis passou a representar, em parte, a exteriorização dessa força, transformando-se em um símbolo da superioridade masculina. Deve-se notar que, naquele tempo, o exercício da sexualidade não estava associado à reprodução, mas ao prazer animal, certo para o homem e incerto para as fêmeas, como até hoje muitas vezes ocorre.

#### *Pênis, Poder e Fragilidade Masculina.*

A associação do pênis ereto com a força e o domínio não é privilégio dos seres humanos, pois ela é, na realidade, muito comum na natureza. Em outros grupos de primatas, como os Saimiri, Cercopiteco, Nasalis e Papio, essa associação também existe, sendo o pênis ereto exibido em qualquer momento em que esses animais desejam demonstrar sua dominância. Em outros mamíferos, como os lobos e os ratos domésticos, os machos vão mais além, pois montam outros machos para mostrarem sua dominância. Esse tipo de comportamento também ocorre em prisões, nas quais a chegada de um novo prisioneiro acaba, muitas vezes, por implicar sua violação sexual, no caso de não conseguir demonstrar a sua força (Eibl-Eibesfeldt, 1974).

No caso do seres humanos, esta dominância associada ao pênis ereto toma outro caminho, pois os machos humanos, ao contrário da maioria dos outros primatas, não possuem controle sobre o mesmo, acabando por usar substituições, como a de lançar mão de representações simbólicas desse poder, ao longo da história.

Essa falta de controle dos homens sobre as suas próprias ereções foi magistralmente comentada pelo genial Leonardo da Vinci que escreveu:

“Freqüentemente o homem dorme e ele desperta. Muitas vezes, o homem está desperto e ele dorme. Muitas vezes, o homem quer usá-lo e ele não querará ser usado; muitas vezes, é ele que quer e o homem proíbe. Parece incontestável que o pênis tem mente própria”.

As representações que o pênis pode tomar, nas diversas culturas, são muito variadas; entre os gregos e os romanos e em algumas culturas do pacífico, o pênis chegou a ser cultuado, tendo, no entanto, sua importância simbólica escamoteada pelas culturas judaico-cristãs. (Friedman, 2001).

Em algumas culturas e épocas, a evidência do valor simbólico do pênis é tão forte que chega a influenciar a maneira de os homens se exibirem. Entre os papuas, por exemplo, os homens usam objetos cilíndricos para elevar seus pênis, como uma forma de demonstrarem seu status e, mesmo na Europa medieval, as classes mais altas usavam urna, espécie de relevo colorido e volumoso na região peniana, como forma de demonstrarem seu poder. Ainda hoje os executivos carregam amarradas, a seus pescoços, as gravatas, que representam escancarados símbolos fálicos.

Na própria arquitetura, podemos observar fatos curiosos. Os obeliscos geralmente erigidos em locais estratégicos e existentes em praticamente todos as grandes cidades do mundo, só justificam sua presença quase universal como símbolos fálicos e representações de poder. Na própria história do Brasil, encontra-se um exemplo muito flagrante dessa relação.

As tropas gaúchas de Getúlio Vargas, vitoriosas na revolução de 1930, escolheram justamente o obelisco, situado no início da Avenida Rio Branco no Rio de Janeiro, como local para amarrarem a seus cavalos e simbolizar sua ascensão ao poder.

É curioso também se notar que todas as cidades do mundo, quando alcançam um determinado grau de tamanho e riqueza, embora muitas vezes ainda disponham de vastos espaços horizontais, preocupam-se logo em construir edifícios, que quanto mais altos, mais orgulham seus habitantes. Não é por acaso que ocorram, justamente nos países que mais enriqueceram nos últimos trinta anos (os chamados tigres asiáticos), a disputa pela construção atual dos prédios mais altos do mundo.

Não podemos afirmar com certeza, mas os edifícios como símbolos fálicos, nas grandes cidades, representam a pujança financeira, a qual indica recursos desfrutáveis que, ao longo da história, sempre foram excelentes afrodisíacos.

O símbolo deve representar o objeto e possuir tanto valor quanto este. No caso do pênis, ele acaba por exacerbar seu valor real, pois ao contrário de todas as suas simbolizações onde o mesmo aparece sempre ereto, o pênis real só se apresenta nesse estado em relativamente poucas situações, não passíveis de controle pela vontade.

A valorização excessiva do pênis, por parte dos homens, é um fenômeno universal: as preocupações com seu tamanho, capacidade eretiva e prontidão para a cópula estão sempre presentes no imaginário masculino (Andrade-Silva; Bueno e Uimbêre, 1999) e, segundo Aragão (1999), quando o mesmo se torna, por um ou outro motivo, disfuncional, a ereção passa a tomar, na mente masculina, um valor ainda mais desproporcional.

Essas expectativas na mente masculina acabam por aumentar o nível da ansiedade nos homens que tenham eventualmente falhado (Master e Johnson, 1976; Kaplan, 1977), levando-os a agravar o seu sintoma.

Hoje, quando o sexo se torna hiper-valorizado pela mídia, os problemas eréteis tornaram-se uma verdadeira epidemia, que pode ser constatada pelo enorme consumo de remédios que estimulam a ereção (Viagra, Upríma, Ciális, etc.), até mesmo entre os jovens.

E o homem, na sua própria insensibilidade, mais uma vez vítima do machismo, não percebe que se o pênis ainda é importante para a reprodução, não é tão importante para o orgasmo feminino, já que este é alcançado, na maioria das vezes, pela estimulação do clitóris, que está longe da ação mecânica do pênis.

Seria bom se o homem deslocasse essa ação e o simbolismo para a língua, pois ela é responsável pela comunicação e, portanto, pela sedução, além de ser comum aos dois gêneros - o que evitaria a inveja despertada, caso só um gênero a possuísse - e que é sensível como a glândula. Além do mais, pode ser controlada pela vontade, o que ajuda a evitar falhas em momentos inoportunos.

### O Poder Feminino

Se no passado, como vimos, o pênis representou o poder e a força, agora que as mulheres, após séculos de submissão, viram-se livres para exigir o prazer a que têm direito, a falácia masculina de superioridade tem caído por terra, já que se baseia muito mais em uma mitologia cultivada ao longo dos tempos, do que em qualidades reais.

A emancipação feminina, há muito tempo merecida, tem sido vitoriosa; entretanto, cria um paradoxo, pois à medida que estas avançam em suas conquistas, os homens sentem-se mais inferiorizados e não correspondem aos anseios femininos, reagindo com o descompromisso e, uma vez intimidados, tornam-se sexualmente disfuncionais.

Podemos concluir que, nos primórdios da evolução humana, a força e o domínio dos homens eram características adaptativas, mas que, com o passar dos anos, as mulheres foram deixando o jugo masculino, lutando

pela igualdade e mostrando gradativamente a fragilidade do poder masculino, que se calcava no mito do pênis ereto.

Como conseqüência, em vez de provedor e amante, passaram elas a ter um frágil homem disfuncional, o que nos leva a dizer: Ou nos associamos, homens e mulheres, através do amor e compreensão, ou quem ganha não leva.

### Referências Bibliográficas

ANDRADE-SILVA, M.C., BUENO, A.P., PAIVA, J.S.A.B.U de. Crenças e estereótipos sobre a sexualidade humana masculina. *Scientia Sexualis*. 5 (1):73-106,1999.

ARAGÃO, M.S.S. *Avaliação da Intenção de ter relação sexual*. Universidade Gama Filho: Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado em Sexologia, 1999.

KAPLAN, M.S. *A Nova Terapia do Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

MASTERS, W.M; e JOHNSON, V.E. *A Incompetência Sexual*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

EIBL-EIBSFELDT, I. *Etologia*. Barcelona: Edit. Omega, 1974.

FRIEDMAN, D.M. *Uma Mente Própria*. São Paulo: Ed. Objetiva: 2001.

ZIMMER, C. *Evolução*. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 2003.